

## Diálogos Mecila #08: Diantes das leis I – A lei do crime

---

*Trecho da parábola “Diante da Lei” de Franz Kafka*

*Diante da lei está um porteiro. Um homem do campo chega a esse porteiro e pede para entrar na lei. Mas o porteiro diz que agora não pode permitir-lhe a entrada. O homem do campo reflete e depois pergunta se então não pode entrar mais tarde.*

*– É possível – diz o porteiro – mas agora não.*

*Uma vez que a porta da lei continua como sempre aberta e o porteiro se põe de lado o homem se inclina para olhar o interior através da porta. Quando nota isso o porteiro ri e diz:*

*– Se o atraí tanto, tente entrar apesar da minha proibição. Mas veja bem: eu sou poderoso. E sou apenas o último dos porteiros. De sala para sala porém existem porteiros cada um mais poderoso que o outro. Nem mesmo eu posso suportar a simples visão do terceiro.*

### **Raphael**

Assim começa a parábola “Diante da Lei” do escritor tcheco Franz Kafka. A imagem que Kafka cria é tão rica quanto angustiante. Ela nos permite lembrar de pessoas ou instituições que representam a lei de algum modo. Figuras que diante de nós parecem ter uma autoridade suprema, mas que são as últimas numa hierarquia da qual, assim como o próprio porteiro, jamais veremos quem está no topo.

Quantas faces esse porteiro pode assumir? De quais leis ele pode ser o guardião? É sobre essas muitas formas que as leis e seus represent ates podem ter, e sobre como convivemos com essas leis, que iremos falar nesse e no próximo episódio dos Diálogos Mecila.

Nesse primeiro episódio, eu conversei com o sociólogo Gabriel Feltran, professor da Universidade Federal de São Carlos, pra entender como é possível que facções criminosas como o Primeiro Comando da Capital sejam capazes de produzir um regime de justiça com suas próprias leis. Uma justiça com interferência direta não só na vida dos associados à facção, mas também das pessoas que não são parte dela, e que vivem em áreas dominadas pelo PCC.

Bem-vindas e bem-vindos a mais um episódio do Diálogos Mecila.

\* \* \*



## **Raphael**

A casa de Maiana já havia sido invadida pela polícia algumas vezes. Apenas ela e o marido estavam ali naquela noite, na região do Sapopemba, periferia da zona Leste da cidade de São Paulo. Um roubo havia ocorrido na rua e muitas polícias procuravam o suspeito. Maiana notou oficiais muito próximos de sua casa, e imaginou que o ladrão poderia estar por ali.

Quando entrou em sua cozinha, deparou-se com policiais lá dentro. “Onde está seu filho?”, perguntaram. “Qual deles?” Maiana respondeu. O policial já conhecia os meninos, que tinham envolvimento com o crime local. Perguntou primeiro por Robson.

“Está na Febem há quatro meses”, disse Maiana. A Febem, Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor, era o nome da instituição para onde menores infratores eram levados. Hoje é conhecida como Fundação Casa.

O policial pergunta então por Michel, ao que Maiana responde o mesmo, está na Febem. Ainda resta perguntar por Jonatas. “E o outro?”, insiste o policial. “No cemitério Camilópolis, vá lá pra ver”.

Não satisfeito, o policial ainda aborda o marido de Maiana, que dormia na sala. Ambos são trabalhadores, mas pais de bandidos, palavras que tem peso. O homem é removido do sofá, buscam algum tipo de informação com ele. É espancado, perde dois dentes com os chutes que toma. Se não fossem os vizinhos gritando pela janela que ali se tratava de um trabalhador, talvez o desfecho fosse pior.

Segurança, crime, proteção, medo, polícia, bandido. Lei. Justiça. Essas são palavras que identificam coisas bem diferentes dependendo de quem fala.

É ouvindo de perto histórias como essa que o pesquisador Gabriel Feltran procura compreender esses outros significados. A história de Maiana é o fio condutor da análise que o Gabriel faz no texto “Convivialidade Marginal: a reprodução da violência e das desigualdades”. O texto, que está em inglês, é o vigésimo-sexto working paper do Mecila, e pode ser acessado livremente em nosso site. Aliás, os nomes das pessoas que o Gabriel menciona não são os verdadeiros.

O Gabriel tem se dedicado há mais de 20 anos a tentar compreender os conflitos urbanos, sobretudo aqueles nas periferias de grandes cidades como São Paulo.

## **GABRIEL**

Então uma das primeiras coisas que eu mais notei na periferia fazendo trabalho de campo era que as pessoas não se sentiam parte do mesmo mundo que eu me sentia



parte. Quando eu comecei a andar e fazer entrevistas longas e fazer observações e meus diários de campo eu falava "nossa, a pessoa nunca vai recorrer ao Estado como eu pensaria em recorrer."

**Raphael**

Ele é um observador atento de facções criminais como o Primeiro Comando da Capital, o PCC, dos mercados da droga e dos regimes de justiça produzidos pelo crime. E é a partir das vivências de quem está ali, no meio dessas situações, que ele procura se colocar.

**GABRIEL**

Através de pesquisas feitas em situações de marginalidade, sobretudo de situações criminais propriamente, mundos em que as pessoas dedicam a vida a praticar crimes, tráfico de drogas, roubos, contrabando, lavagem de dinheiro, tráfico de armas. Convivendo em espaços em que essa atuação é corriqueira e tentar entender a partir desse ponto de vista, dessa perspectiva a desigualdade urbana, o conflito urbano, a violência.

**Raphael**

E ao se colocar nesse lugar de observação e de escuta, o próprio pesquisador entra num conflito interno entre o seu jeito de ver as coisas e o dos seus interlocutores. E através desses encontros, ele pode perceber que muitos debates sobre segurança e violência acabam simplificando demais o cenário.

**GABRIEL**

O debate que a gente vê sempre é "o Estado é o lado bom, o crime é o lado ruim", fica uma coisa valorativa, as pessoas ficam pensando nesses termos do bem e do mal. E para o pesquisador não existe isso, para o pesquisador existe o que existe.

**Raphael**

Mas para além de bem e mal existe o quê, então?

Segundo o Gabriel, é possível identificar diferentes regimes de justiça em cidades como São Paulo. A justiça estatal, a justiça seletiva da polícia, a justiça dos tribunais do crime e a justiça divina.

E é através da coexistência desses regimes que a violência é gerida nas periferias. Claro, essa coexistência é atravessada por conflitos, onde há uma disputa permanente sobre quem tem legitimidade para "manter a ordem".

É essa legitimidade que facções como o Primeiro Comando da Capital vem construindo de forma bastante complexa há muitos anos. Mas vamos situar um pouco melhor essa conversa.



O Primeiro Comando da Capital surge em 1993, no Anexo da Casa de Custódia de Taubaté, município do interior estado de São Paulo. PCC era a sigla dada a um time de futebol, formado por oito presos vindos da capital.

Em sua origem, era um movimento que reivindicava melhoria das degradantes condições de vida para os detentos do sistema prisional. O massacre do complexo penitenciário do Carandiru, em 1992, quando policiais militares assassinaram III detentos num processo de contenção de uma rebelião, seria um marco decisivo para o futuro surgimento da organização.

Ao longo dos anos o PCC se expandiria com força, eliminando grupos rivais e estabelecendo o controle sobre o sistema prisional do Estado de São Paulo. Essa expansão se deve em larga medida a uma política de encarceramento em massa adotada por anos.

#### **GABRIEL**

E a gente vinha nessa política, o Estado de São Paulo tinha 40 mil presos no começo dos anos 90, hoje a gente tem 260 mil, a gente multiplicou por 6 o nosso encarceramento, nós temos mais de um milhão de ex presidiários, estamos nos sentindo mais seguros por causa disso?

#### **Raphael**

Só pra efeito de comparação, toda a Alemanha conta hoje com cerca de 57 mil presos. Somente o Estado de São Paulo tem cinco vezes mais detentos.

#### **GABRIEL**

Então quando começou o mega encarceramento em São Paulo, o PCC tinha pouquíssimos membros, contava-se em menos de uma centena. Ao final da política de encarceramento que dura quase 30 anos em São Paulo, que sai dos 40 mil presos e produz um milhão de ex-presidiários, com mais de 200 mil presos, a gente tem uma facção transnacional em que estima-se que haja 40 ou 50 mil irmãos batizados, além de muitos e muitos outros que correm com o PCC, ou seja, que não são batizados, mas que atuam nas mesmas redes da facção.

#### **Raphael**

E esses membros devem seguir um estatuto, bastante claro em seus termos, como a gente nota pelo artigo segundo:

*“Lutar sempre pela paz, justiça, liberdade, igualdade e união, visando sempre o crescimento da organização, respeitando sempre a ética do crime.”*



A seu modo e em seus termos, o PCC tem consolidado esses ideais. O crescimento da facção é um fator de importância central para a redução no número total de homicídios em São Paulo. Essa é uma leitura que o próprio Gabriel Feltran e outros pesquisadores tem defendido há algum tempo.

Resumindo bastante, isso acontece porque com a hegemonia alcançada pelo PCC - o que se deu através de muita violência no conflito com facções rivais - o número de mortes ocorridas pelas guerras entre facções caiu muito. Além disso, em bairros onde a facção se faz presente, é ela quem estabelece uma regulação da violência, controlando a circulação de armas e ordenando os mercados ilegais. Afinal, um ambiente mais seguro e controlado chama menos atenção e é melhor para os negócios.

Como os pesquisadores também ressaltam, essa suposta pacificação produzida pelo crime, que se constrói com a expansão irrefreada e violenta do poder do PCC, é justamente reflexo do fracasso das políticas de segurança pública do Estado, que acabam por ajudar na reprodução do crime como instituição.

E essa expansão, ao mesmo tempo que se dá por violentas demonstrações de força, também ocorre pelo que o crime é capaz de oferecer a quem a ele se associa.

A hipótese-PCC não é a única a buscar explicar essa redução de homicídios. Mas o que mais nos importa aqui não é definir qual causa é a correta ou mais importante, e sim observar os efeitos que a presença do crime produz na vida social das áreas que domina.

*Trecho de entrevista com Mano Brown realizada pelo [Le Monde Diplomatique Brasil](#)*

**MANO BROWN**

Você pega um cara que é abandonado sem família, sem ninguém, acolhe ele, dá um nome pra ele, dá uma sigla pra ele defender, uma família pra defender ele e ele defender, ele não valoriza o cara? [...]

**ENTREVISTADOR**

Status?

**MANO BROWN**

Não, status é um slogan. O cara te dá uma família, te dá proteção, te dá honra. Te dá motivo pra viver. Isso é status? Status é uma palavra chula perto disso tudo.

**Raphael**

Esse foi o Mano Brown, vocalista dos Racionais MC's, um dos principais grupos de rap do Brasil, em entrevista ao jornal *Le Monde Diplomatique Brasil*, em 2018. Mano Brown, que



cantou sobre a violência extrema nas periferias e presídios da capital paulista em álbuns históricos como “Sobrevivendo no Inferno”, de 1997, reconhece como o cenário mudou.

Agora de volta com o Gabriel.

**GABRIEL**

Quando eu converso com as pessoas que estão na rede das facções criminais essas pessoas estão extremamente ideologizadas e dizendo "olha eu nunca tive absolutamente nada de ninguém e agora o único jeito que eu tenho de libertar o meu povo é atuar aqui, ou de buscar a minha emancipação, ou buscar o meu progresso, como se diz, é pelo crime mesmo. Então nós defendemos o crime, nós tamo junto pelo crime, o crime do brasil tem que estar unido."

**Raphael**

E nessa guerra ao sistema, o inimigo é qualquer um que ocupe esse sistema.

**GABRIEL**

"Os políticos", "os playboy", "os ricos", "são todos nossos inimigos". "ah é do PT, é do Bolsonaro...". Me perguntavam: "na perspectiva do PCC você acha que eles preferem o PT ou o Bolsonaro?" Na perspectiva do PCC eles estão em guerra contra o sistema há trinta anos. E o sistema é o PT, o Bolsonaro, são todos os governos. Não se trata de posição no espectro político clássico, como a gente imagina. Trata-se de uma outra vida, de uma outra forma de vida que se constituiu na guerra, nesse conflito muito forte entre aquilo que a gente considera o certo e o errado, que do outro lado é exatamente o oposto.

**Raphael**

Propostas e respostas não faltam, do espectro mais autoritário ao mais zeloso pelo direitos humanos. Mas existe um ponto de fora dos polos que se antagonizam no debate, segundo o Gabriel. É a perspectiva daqueles que vivem entre as leis.

**GABRIEL**

Existe uma posição de direita acerca do que deve ser a segurança pública "nós temos que ir pra cima dos bandidos". Existe uma posição à esquerda sobre o que deve ser a segurança pública "temos que ter educação, esse é um problema da nossa desigualdade...". O menino que está sendo trazido para as redes do trabalho ilegal, do trabalho ilícito, ele não tá com um, nem com outro. Ele é esse terceiro elemento que olha para todos eles como se fossem homogêneos.

**Raphael**

Não se trata aqui de dizer que todas as posições estão erradas, é claro. O que o Gabriel está apontando é justamente a distância de muitas interpretações e formulações de políticas



públicas em relação às populações mais afetadas. E a dificuldade de se reconhecer suas condições de vida. E às vezes, até o próprio pesquisador acaba se tornando um terceiro elemento.

### **GABRIEL**

E é uma lógica tão bipolar que você fala "olha quem está esclarecendo o crime na quebrada é o crime", mas é evidente que o crime também está cometendo crimes e o crime não é só a justiça, o crime é em algumas situações a justiça, em algumas situações super violento, arranca a cabeça das pessoas. Não estou falando que é legal, o que a gente está fazendo é justamente desagregando essas situações. Mas chega ao ponto de você falar isso e você ser o defensor do bandido, porque como só tem dois lados na guerra, ou você está com a polícia ou você está ao lado do crime.

\* \* \*

### **Raphael**

Jonatas começou a trabalhar aos 12 anos numa empresa de reciclagem. Ele mesmo percebeu que se fizesse tanto o turno da manhã, como da tarde, deixando a escola para de noite, ganharia o dobro. A mãe se comprometeu a levá-lo e buscá-lo caso a escola aceitasse trocá-lo de turno e conseguiu convencer a direção. Essa mãe é Maiana, aquela que teve a casa invadida pelo policial.

Na 7ª série Jonatas deixaria os estudos. Pouco depois começaria a fazer novas amizades. O uso de drogas acabaria levando-o a se envolver com traficantes e a entrar aos poucos no mundo do crime. A história dele e de seus irmãos, é parecida. O crime parecia poder lhes dar aquilo que tantos adolescentes querem: dinheiro, consumo, adrenalina, mulheres.

A perspectiva de uma outra vida, de conquistas que parecem inalcançáveis ou distantes demais pela via do trabalho comum, exercem uma poderosa atração no recrutamento de jovens para o tráfico.

Mas não são só benefícios individuais para os que se envolvem com o crime que constroem a legitimidade e hegemonia de uma facção.

### **GABRIEL**

Se estamos falando de tráfico de drogas, tem uma série de pessoas trabalhando na venda das drogas, na importação das drogas, no preparo da droga, na logística da droga, na contabilidade da droga, na transformação do dinheiro sujo em dinheiro limpo, no consumo dessas drogas. Então você está envolvendo um monte de gente. Tudo isso é forma de legitimação pelo mercado. Além disso você vai ter as facções dizendo "olha o sistema é injusto, o sistema é errado, o sistema vem pra cima da gente o tempo inteiro, e quem que defende vocês do sistema? A polícia defende a



favela? Não! A favela tem que se defender. E quem defende a favela?". Aí você tem uma série de facções que vão produzir as suas próprias justiças, ou sentidos de justiças, dispositivos práticos de justiças cotidiana, ofertados pelo crime e não pelo estado.

### **Raphael**

O crime oferece a justiça que o Estado deveria oferecer. Seja no caso de um roubo de celular ou de um homicídio.

De acordo com o estudo "Onde mora a Impunidade" do Instituto Sou da Paz, publicado em 2020, o índice de esclarecimentos de homicídios pelas autoridades competentes no Brasil é de 33%. Os dados se referem ao ano de 2017. Ou seja, apenas um terço dos cerca de 40 mil casos anuais de homicídio no país encontra resposta. Não é difícil imaginar que nas periferias esse número seja menor.

Bem, vale dizer que mesmo essa informação é limitada, já que apenas 10 estados do país e mais o Distrito Federal enviaram dados completos que puderam ser usados na pesquisa.

### **GABRIEL**

Quem fica sabendo quem matou o seu filho? Se o Estado não oferece um inquérito, se não vai ter um julgamento, se não vai ter um esclarecimento daquilo, quem fala para aquela mãe quem matou o filho dela, quem esclarece o homicídio na prática para aquela mãe? É o próprio rumor do bairro que sai do universo criminal, passando pela igreja, passando pelas redes comunitárias, e chega aos ouvidos daquela mãe mais ou menos diretamente explicando o que aconteceu.

Então fala "ah, os homicídios não são esclarecidos em geral?". Não, eles não são esclarecidos pelo Estado, mas as pessoas sabem o que aconteceu naquele caso. "Ah, o menino estava envolvido", "o menino tinha uma dívida", "o menino brigou com outro por causa daquilo", "ele teve um desentendimento do passado, o cara saiu da cadeia, eles foram resolver e acabou morrendo", "o irmão dele que vingou a morte do outro" e assim por diante. Os casos são conhecidos, mas não são pelo Estado. Então novamente o crime oferta o que o Estado deveria ofertar, esclarecimento de homicídios, justiça.

Não pode roubar na quebrada, foi alguém da quebrada que roubou? Não pode, volta o carro para a pessoa. O carro, o celular, histórias que a gente conhece muito. Ou seja, o crime atua nessa perspectiva como polícia e justiça daquela região e não como crime. Então aquilo que é conhecido como crime, na verdade está desempenhando uma função de justiça.





**Raphael**

E não é só a resolução de crimes, que o crime oferece.

**GABRIEL**

Sem contar do crime produzindo o grande churrasco, ou o grande baile que é, digamos, a política de lazer, de cultura de entretenimento. Sem falar do crime produzindo o grande churrasco que é a possibilidade de muitas famílias comerem carne. Sem falar do crime muitas vezes pagando o ônibus para a pessoa ir visitar o parente quer está preso. Sem falar do crime pagando o advogado pra soltar a pessoa que considera-se que foi presa injustamente, ou justamente mas que eles tem dinheiro, tem recurso para poder tirar. Então são muitas formas de legitimação desse modo de vida que estão na vida cotidiana.

**Raphael**

Se o crime preenche uma série de espaços que deveriam ser ocupados pelo Estado, o problema é evidente. Reconhecer esse papel é encarar que a questão da segurança pública não pode ser pensada simplesmente numa lógica de conflito. O cenário que o Gabriel descreve ilustra a carência de muitas outras políticas públicas que garantam melhores condições de vida às populações dessas regiões. E essas pessoas tem bastante clareza disso.

**GABRIEL**

Agora o que todas elas dizem para nós? Que se a gente tivesse política pública universal para essas pessoas elas iriam preferir. Porque o que você prefere você se cadastrar no centro comunitário, ou no CRAS e você ter direito a um ônibus para visitar o seu filho, ou você prefere pedir para o traficante? Claro que as pessoas vão preferir fazer isso legalmente.

O que você prefere, trabalhar numa empresa que vende cigarro multinacional, que paga os seus direitos, que quando você trabalha à noite tem adicional noturno, ou você prefere trabalhar numa biqueira sem ter direito nenhum, vendendo cigarros, tendo o risco de ser preso? Claro que as pessoas preferem trabalhar no mercado legal.

Então de um lado a gente deveria transformar boa parte desses mercados em mercados legais, de outro lado a gente deveria oferecer políticas que competissem com essa legitimidade criminal. Se a gente quisesse ter um Estado em que os seus cidadãos pertencessem, que se sentissem parte.

\* \* \*



O jogo virou,  
Deus abençoou  
Todos tem o livre arbítrio,  
Eu escolhi ser cantor  
O jogo virou, Deus abençoou  
Fui passo a passo na batalha (ei)  
É no tempo do senhor

### **Raphael**

Irmãos não se criam apenas no crime. Esse laço, essa reunião, também se constrói com força nas igrejas. E a presença em especial das evangélicas vem crescendo nas periferias há bastante tempo. Como mostra o Gabriel, esses espaços acabam tendo um papel de amparo para aqueles que buscam uma saída da vida do crime.

### **GABRIEL**

Mas claro que tem uma deslegitimação do crime muito grande vinda de outros atores, que vem crescendo também nas periferias. Sobretudo a ação política de policiais e a ação política de igrejas, que vem dizendo: "olha se tem uma guerra entre polícia e crime, eu aceito o fiel do crime, eu aceito o fiel da igreja e a gente vai virar uma síntese de uma outra possibilidade de vida, que não é nem a vida no crime, nem a vida na guerra contra o crime, é a vida de Deus, é a vida em Jesus, é a vida na ressurreição", é essa espécie de síntese.

### **Raphael**

Me pareceu difícil conceber uma relação de convívio entre alguém vindo do mundo da polícia e outro do crime nesse espaço da igreja. E eu fiz a Gabriel uma pergunta inocente, se ali eles se tornariam amigos.

### **GABRIEL**

Ela os faz irmãos, mais do que amigos. Quando o cara é do crime ele não pode estar na igreja, mas quando ele está saindo do crime sem dúvida. Então é uma espécie de síntese para esse conflito, que é a síntese que a gente queria que fosse feita no plano dos direitos, está sendo feita no plano de uma religiosidade de costumes, uma religiosidade extremamente diferente, que produz uma lógica de organização social muito diferente da lógica estatal, moderna, democrática.

### **Raphael**

As igrejas preenchem um papel fundamental na vida cotidiana. Elas estão muito próximas do dia a dia das pessoas, acolhem demandas, criam relações e redes, fortalecem orientações para a vida cotidiana. Criam um mundo, como mostra o Gabriel.



**GABRIEL**

Então, tem uma combinação de elementos que propõe um outro mundo. Propõe um mundo de prosperidade, de monetarismo, muito longe da democracia, muito longe das liberdades civis, das liberdades políticas que conformaram a modernidade. Estamos falando de um outro projeto de mundo, mas que, naquela situação pós-guerra, você acabou de sair da guerra do crime com a polícia, ou você acabou de sair daquele espaço da polícia em que você era mais guerreiro e está indo para um outro espaço mais civil, você vai... vai funcionar. É uma válvula de escape e junto com essa válvula de escape vem uma concepção de mundo e vem um programa político especificamente.

**Raphael**

É claro, vale lembrar que há inúmeros grupos e denominações religiosas no Brasil, como afirma o próprio Gabriel. E que só no mundo das igrejas evangélicas há incontáveis vertentes, desde setores mais progressistas, até os mais conservadores.

**GABRIEL**

No entanto, quem age politicamente de modo mais explícito e com mais sucesso nas últimas décadas são os grupos ultraconservadores, sem nenhuma dúvida. E aí você tem uma espécie de conexão entre um militarismo policial, um anti-intelectualismo e essa ideia muito forte de uma prosperidade aqui na Terra.

**Raphael**

Talvez você pense que a presença divina esteja sobretudo nos inúmeros canais de TV ou programas de rádio evangélicos que você não escuta. Só que não. Há toda uma geração de funkeiros cantando histórias de superação de quem vive na quebrada, no que alguns tem afirmado ser uma nova fase do funk consciente.

MC Paulin da Capital e Lele JP estão entre os maiores nomes, ao lado de figuras com mais anos de estrada, como Neguinho do Kaxeta. Os 126 milhões de visualizações do hit “Sou Vitorioso”, lançado em 2020 por Lele JP com Neguinho do Kaxeta, dão uma mostra do sucesso.

*Trecho de “Deus é por nós” – MC Marks*

Como dizia o racionais

Eu sempre fui um sonhador

E é isso que me mantém vivo

E aí menó, vai buscar o que é seu, porque o que é seu

Só você pode alcançar

Nunca deixe de sonhar



E o Marks novamente  
Eu nunca vou deixar de sonhar  
E se Deus é por nós  
Quem será contra nós a favela venceu  
Deixa os menor voar

### **Raphael**

Como sempre, a música popular oferece o retrato de um momento histórico, um registro de modos de vida e dos conflitos de uma época. O funk em seus muitos estilos faz tempo que já é parte dessa narrativa, como o samba, o rap e o hip-hop também são. Do mesmo modo que as estatísticas da violência, a cultura também elemento para o diagnóstico de uma época.

### **GABRIEL**

Agora o que a gente acha? Que o Brasil desigual do jeito que é vai ser um país pacífico depois de tudo o que já foi vivido? Depois do sambinha dos anos 40, depois da black music dos anos 60, depois do rap dos anos 90, depois do funk dos anos 2010. A gente não está captando que o conflito está subindo, que está ficando mais complicado viver, a gente não está ouvindo o que esses grupos estão dizendo. Me parece que não, que parece que não ouvimos nem a saudosa maloca direito.

\* \* \*

### **Raphael**

Essa foi mais uma edição do Diálogos Mecila. Eu agradeço muito ao Gabriel Feltran, professor de Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, pela nossa conversa.

Na página do Diálogos Mecila você encontra uma série de materiais extras que fizeram parte da pesquisa desse episódio. Entre eles o Working Paper que o Gabriel Feltran produziu para o Mecila, chamado “Convivialidade Marginal: sobre desigualdades e reprodução da violência”.

Além da entrevista com o Mano Brown, do Le Monde Diplomatique Brasil, esse episódio usou trechos da música “Deus é por nós” do MC Marks, e de “Sou Vitorioso” do MC Lele JP e MC Neguinho do Kaxeta.

O Dialogos Mecila é uma produção do Maria Sibylla Merian Centre Conviviality-Inequality in Latin America. Jörg Klenk é nosso coordenador científico. O editor científico é Joaquim Toledo Júnior. Melanie Metzen é coordenadora de comunicação e eventos. Gustavo Diniz realiza o apoio de produção. A produção sonora e edição é de Gil Fuser. Eu sou Raphael Concli, faço a pesquisa, entrevistas, roteiro e apresentação deste podcast.

Até mais ouvir.